

MEMORIAL

CHRISTIAN WERNER

Concurso visando a obtenção do título de livre-docente para o
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

São Paulo, agosto de 2012

INTRODUÇÃO

Entre os 20 e 30 anos, enfrentei três mudanças de domicílio bastante complicadas (Sinimbu, uma pequena cidade fundada por alemães no interior do RS – Porto Alegre – São, Paulo) e três mudanças de curso de graduação na Universidade do Rio Grande do Sul, UFRGS (Engenharia Elétrica – Direito – Letras). Uma vez tendo optado por me graduar em Língua Portuguesa e Grego Antigo, porém, as dúvidas na hora de fazer escolhas entre diferentes rumos nos anos que se seguiram não se tornaram menos agudas e, na verdade, ainda continuam. Esse memorial tratará de algumas dessas decisões e dúvidas, mas também de uma ou outra (quase) certeza.

Baseando-me naquilo que costuma ser requerido em concursos para cargos de docência nas universidades públicas brasileiras, pedidos de bolsa e outros auxílios a agências de pesquisa e relatórios para progressão interna na Universidade de São Paulo (USP), este memorial enfatizará as atividades que realizei nos últimos cinco anos, o que coincide com o período posterior ao meu concurso de efetivação na USP, universidade na qual dou aula desde 2002 e onde defendi o mestrado (1999: “*Troianas* de Eurípides: estudo e tradução”) e o doutorado (2004: “Manobras poéticas entre a *Iliada* e a *Odisseia*: o caso de Odisseu”), ambos sob a orientação de Filomena Y. Hirata, aquele acerca da tragédia euripidiana, este, da épica homérica.

Durante a pós-graduação, período complicado em vista das escolhas existenciais e profissionais que não podem ser postergadas *ad infinitum*, tive a sorte de contar uma orientadora intelectualmente madura e academicamente sábia. Com Filomena Hirata, aprendi e continuo aprendendo muito, em especial, em relação à postura e ao comprometimento de um professor e pesquisador em uma época em que mesmo na universidade pública, pesquisa e ensino são cada vez mais massificados. De fato, desde a graduação tenho tido a felicidade de ser aluno e, posteriormente, trabalhar com profissionais excelentes. São vários os nomes, e talvez não seja prudente ou mesmo elegante elencá-los em um memorial; mas, como não é só a partir de bibliografia de papel que se faz um pesquisador e um professor, mencionare os profissionais mais presentes e importantes durante minha trajetória como um todo. Faço-o, porém, não só por honestidade

intelectual, mas para explicitar exemplos que não foram meramente “bibliográficos” no meu desenvolvimento como profissional e que têm sido decisivos no meu aperfeiçoamento relativo a todas as áreas de atuação exigidas na universidade. O resumo que segue certamente não faz jus a tudo o que aprendi, mas procurei pinçar o mais decisivo de cada um para minha formação, pelo menos no que diz respeito ao que deve ser o teor de um memorial.

Maria da Glória Nogueira, com quem aprendi a língua grega, continua a ser central para o modo como penso um curso de língua. Marco Zingano e Kathrin Rosenfield, ainda na UFRGS, de formas diferentes mas complementares, guiaram meus primeiros passos na pesquisa. Nesse tempo, conheci e estudei as traduções de Jaa Torrano, sobretudo a *Teogonia* de Hesíodo, e essas marcaram perenemente meu modo de tradução de um texto grego em vista do modo como o autor consegue temperar as diferentes ênfases que um tradutor pode buscar no seu trabalho, tanto em relação ao texto de chegada quanto ao texto de partida. Também nessa época conheci o trabalho de Joaquim Brasil Fontes, seu livro sobre Safo, que muito me impressionou como uma maneira bem sucedida de unir reflexões sobre a modernidade com a recepção de textos clássicos, um tipo de trabalho que sempre que encontro bem feito em pesquisadores brasileiros me entusiasma. Minha primeira incursão nesse tipo de trabalho, ainda tímida, se deu no artigo sobre “Famigerado” do qual falo adiante.

Paula Corrêa, através de suas aulas e livros, mostrou-me que é possível e desejável um trabalho de filologia que leve em conta as grandes escolas estrangeiras. Através de Haiganuch Sarian, Francisco Murari Pires e Maria Beatriz Florenzano, de modos diversos, me interessei cada vez mais pelos trabalhos que se fazem em áreas vizinhas e indispensáveis para quem trabalha com poesia arcaica. Maria Cecília Coelho, que conheci durante o mestrado, continua a mostrar-me como pode ser profícuo o trabalho com a recepção de um texto clássico. Aos colegas da UFMG, sobretudo ao Teodoro Assunção, sou grato por anos de convivência e intensa troca “homérica”.

Mutatis mutandis, o mesmo vale para os colegas “teatrais”. Na USP, Adriane Duarte e Zélia Cardoso de Almeida dirigem um grupo de pesquisa do qual tenho a felicidade de participar. Antes de conhecê-las, foram importante “bibliografia” para mim, já que não fiz a graduação na USP e, quando comecei meu mestrado, Adriane já estava em vias de defender

seu doutorado. Da UNICAMP e UFC, Flávio Ribeiro, Isabella Tardin Cardoso e Orlando Araújo são colegas e interlocutores que contribuem para a sensação de pertencer a uma geração que tem feito muito para dar continuidade à cristalização dos estudos clássicos no Brasil. Para concluir, mas não menos importante, é um privilégio pertencer a um programa que conta com mais dois especialistas em épica grega, André Malta e Fernando Rodrigues Jr.

Como os tópicos genéricos do meu mestrado (tragédia) e doutorado (épica homérica) são, em boa medida, a parte fundamental da espinha dorsal da minha carreira acadêmica, especialmente no que diz respeito à pesquisa e o ensino, são eles que estruturarão este memorial.

Nem todas as informações referentes à minha atuação na docência, pesquisa, extensão e administração serão mencionadas e esmiuçadas (por exemplo, a apresentação de trabalhos); elas se encontram, porém, no meu currículo Lattes, incluso como anexo 1 no final do memorial.

TRAGÉDIA

Meu trabalho de mestrado redundou no livro *Eurípides: duas tragédias gregas, 'Hécuba' e 'Troianas'* (São Paulo, 2004), no qual, de fato, a uma parte do mestrado (tradução e resumo da análise das *Troianas*) foi acrescentada a tradução e uma compacta análise de outra tragédia euripidiana, *Hécuba*. Uma versão do capítulo mais bem acabado do mestrado foi publicada como artigo¹ e um texto onde o drama é discutido a partir do filme homônimo do falecido diretor grego Michael Cacoyannis publicado em 2011.² Além disso, apresentei uma versão bastante modificada de uma seção do capítulo 3 acerca da representação dos deuses no “IV Colóquio do GP Estudos sobre o teatro antigo” (agosto de 2012), grupo de pesquisa sobre o qual falarei adiante; o trabalho intitula-se “Separação e reciprocidade: o poder dos deuses nas *Troianas* de Eurípides”.

¹“As performances de Cassandra em *Troianas* de Eurípides”. *Letras Clássicas* 6 (2002).

²“*Troianas*: do filme de Michael Cacoyannis à tragédia de Eurípides”, *Archai* 7.

Um elemento central do meu mestrado foi a tentativa de me posicionar de forma minimamente crítica frente a propostas metodológicas desenvolvidas por membros da chamada “Escola de Paris”, sobretudo Pierre Vidal-Naquet, Jean-Pierre Vernant, Nicole Loraux e Marcel Detienne, esses dois últimos, a partir dos anos 1980, desenvolvendo trabalhos cada vez distantes da sua matriz primeira. Livros de membros da “Escola de Paris”, entre eles as traduções em português que foram tão importantes para quem estudava literatura grega na época,³ havia sido fundamental nos estudos que fiz na graduação, ou melhor, ela direcionou minha primeira aproximação do universo teatral grego. Foi só imediatamente antes de iniciar o mestrado que comecei a ter um contato com uma parcela cada vez maior e diversificada da produção bibliográfica relativa ao campo de estudo, algo muito difícil no Rio Grande do Sul devido à situação das bibliotecas na UFRGS. Meu primeiro contato com uma biblioteca europeia e daí com a produção das escolas filológicas alemã e inglesa se deu, assim, na primeira metade dos anos 1990, época pré-internet. A partir do que havia estudado na graduação e de algumas novas abordagens que paulatinamente procurei assimilar durante o mestrado, a análise que fiz de *Troianas* foi, ao mesmo tempo, uma tentativa de compreender qual o sentido que o drama teria para uma audiência ateniense do final do século V e, ao mesmo tempo, uma discussão das próprias balizas teóricas que tornariam tal compreensão minimamente possível para nós.

Defendi a unidade da peça a partir das ações mesmas das personagens e, sobretudo, que o significado dessas ações não se resume a uma pura manifestação de *pathos* acompanhada, em alguns casos, de exercícios retóricos racionais. Meu ponto de partida, além do próprio texto, foram as teses defendidas por Nicole Loraux em “A tragédia grega e o humano” (artigo publicado em 1992 na coletânea organizada por Aduino Novaes)⁴ e retomadas no ensaio *La voix endeuillée*, publicado em 1999, ou seja, após a conclusão do meu trabalho, mas incorporado nos textos que publiquei posteriormente, pois trata-se, do meu ponto de vista, de uma obra seminal para a discussão do fenômeno trágico ateniense, sobretudo se lido em conjunto, o que procurei fazer, com seu *A invenção de Atenas*. A autora francesa centra sua atenção, ao mesmo tempo, no caráter anti-político do discurso trágico (com isso colocando-se contra um autor como Christian Meier, para quem a tragédia é apenas ou sobretudo *política*) e no luto, ou seja, no lamento, no canto lutuoso

³A importância desses livros continua; apenas aprendemos a lê-los com olhos um pouco mais críticos.

⁴*Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

feminino como o “esquecido” pela cidade, ou seja, como o instante em que a cidade presente ao teatro percebe-se dividida. Aliás, essa dimensão (anti-)política do teatro antigo, especialmente do ateniense, continua a ser um veio profícuo para o estudo dos dramas, o que foi atestado nas reuniões de 2011-12 do grupo de pesquisa da USP cadastrado no CNPq do qual participo como “pesquisador”, “Estudos sobre o Teatro Antigo”, liderado por Adriane Duarte e Zélia Cardoso de Almeida. O tema do IV colóquio, que ocorreu em agosto de 2012, foi justamente sobre as relações de poder no teatro antigo.

Participar de um grupo de pesquisa como pesquisador (do grupo que lidero falarei mais abaixo) tem modificado o modo como conduzo meu trabalho, ou melhor, tem contribuído para a compreensão do que é ou pode ser o trabalho docente em uma instituição de ensino superior. Como em programas de pós-graduação em letras clássicas ou literatura em geral há não muito tempo atrás o aluno de iniciação científica ou mestrado acostumava-se a um trabalho eminentemente solitário permeado por encontros esporádicos com o orientador e participações ainda mais esporádicas em eventos científicos nos quais descobria quão poucos interlocutores, de fato, possuía, foi só paulatinamente – e meu estágio de pós-doutorado foi importante nesse sentido – que descobri que esse cenário mudou, e mudou, acredito, para melhor. Há uma tendência, consolidada no programa ao qual me vinculo, dos trabalhos de pesquisa individuais estarem fortemente ancorados em pesquisas coletivas. Tenho a sorte, assim, de pertencer a um grupo bastante ativo e liderado por duas profissionais experientes, bastante ativas e com sólida base intelectual.

Voltando à minha produção no âmbito da tragédia ática, no artigo “A arbitrariedade do sentido e do poder em *Ájax* 1047-1162”, publicado em 2004 (*PhaoS* 4), realizei uma análise detalhada dos versos 1047-1162 da tragédia de Sófocles, mostrando o modo como diferentes protocolos políticos, familiares aos atenienses do século V, podiam ser articulados nos discursos de uma tragédia. Ao prestarmos atenção ao substrato épico, à expressão das paixões múltiplas que determinam ações e discursos e também aos momentos (quase) cômicos do drama, então percebemos que nem Menelau nem Teucro, os antagonistas em cena, representam de forma coerente um regime político, como defendido por boa parte da crítica. O texto revela, assim, por meio de uma tessitura dialógica, ou seja, da incorporação de elementos uma série de tradições mitopoéticas e práticas sociais, os limites do discurso e do poder.

Não podemos afirmar, portanto, que a tragédia reproduz, em outro registro, uma ideologia una e coesa que poderíamos reconstruir através de um exame de outros textos do século V e IV, por exemplo, de discursos historiográficos ou oratórios. De qualquer forma, é preciso que o helenista interessado em discutir o viés (anti)político da tragédia se familiarize com esses textos. Em vista do trabalho de Nicole Loraux (*A invenção de Atenas*), realizei a tradução das orações fúnebres de Tucídides, Lísias e Platão (*Menexeno*) que ainda continuam inéditas, mas que têm servido de importante subsídio para meu trabalho sobre a tragédia. Através da minha orientação de um mestrado defendido em 2011 (“Os discursos cipriotas de Isócrates”), também pude entrar em contato com um outro tipo de texto que se situa na fronteira entre gêneros distintos e representativos de tradições significativas para os modos como os atenienses pensaram sua identidade, quais sejam, os discursos epidíticos de Isócrates.⁵

Formas discursivas e poéticas bem como práticas sociais, ao serem reapropriadas, nunca são simplesmente refletidas pelas obras que as apropriam; o pesquisador moderno precisa tentar recuperar a relação dialética que entre elas se estabeleceu. É esse, hoje, o principal viés do meu trabalho com a tragédia ática, em especial, no âmbito do grupo de pesquisa supracitado. O primeiro resultado dessa abordagem foi apresentado em 2011 na conferência “Passagens crítico-literárias em Eurípides e Aristófanes”, na qual, através da discussão de algumas passagens de Aristófanes (*Aves* 209-22) e Eurípides (*Helena* 164-90; *Andrômaca* 91-116; *Medeia* 184-203), procurei mostrar de que forma, especificamente através do lamento identificado, nas passagens citadas, como *elegos*, a autorreflexão dramática é interage com a cultura musical (*mousikê*) ateniense à qual pertence à própria encenação trágica.⁶ A discussão dessas questões também fará parte de um trabalho de iniciação científica que comecei a orientar em agosto de 2011 (“Tradução e análise textual de *Andrômaca*, de Eurípides, versos 1-308”). Daí, pretendo continuar a investigar, nos próximos anos, as tragédias euripídeas compostas entre 430 e 415; além de *Medeia*, sobretudo aquelas que dizem respeito ao ciclo troiano.

⁵Esse trabalho continua na tese de doutorado do aluno, iniciada em 2012, “Isócrates Logógrafo: introdução, tradução e comentário aos discursos *Da Quadriga*, *Trapezítico*, *Contra Calímaco*, *Eginético*, *Contra Lóquites* e *Contra Eutino*”.

⁶A conferência foi entregue, em forma modificada, para publicação organizada por Renata Junqueira para a Editora Perspectiva.

Em “Separação e reciprocidade: o poder dos deuses nas *Troianas* de Eurípides”, apresentado em 2012 no colóquio do GT de teatro antigo, que versou sobre relações de poder no teatro,⁷ analisei, seguindo minha leitura de *Troianas* como uma investigação dos limites da ação e do conhecimento humanos, algumas formas de a tragédia tratar dos deuses e do divino. São duas as teses comuns sobre a tragédia que procurei refutar: (1) os deuses são representados como distantes das troianas, e o castigo dos gregos anunciado no prólogo apenas satisfaz o orgulho ferido dos próprios deuses, ou seja, uma representação divina típica da *Iliada*; (2) à medida que a ingratidão dos deuses se torna mais evidente às personagens, sua raiva contra eles cresce, chegando, no limite, ao ateísmo. Para discutir a tese (1), me valho da complexa relação entre Poseidon e Atena como deusa políade no imaginário religioso ateniense, em especial, do modo como essa relação foi utilizada em *Erecteu*; para refutar a tese (2), examino algumas passagens, sobretudo o 2º estásimo, que mostram de que formas certas perspectivas divinas são utilizadas na representação do destino humano.

Embora, após o mestrado, a tragédia grega não tenha sido parte da minha principal atividade de pesquisa,⁸ participei de duas bancas de doutorado sobre o tema, duas bancas de qualificação de doutorado, uma banca de mestrado e duas bancas de qualificação de mestrado. Por fim, junto com Marcos Martinho dos Santos, estou editando um número da revista *Letras Clássicas*, ligada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP, sobre o teatro grego. O objetivo é construir um panorama do tema, inclusive abarcando a interface com a história e a filosofia, abrangendo problemas já consagrados e outros que entraram em discussão mais recentemente. Esse número da revista, que deverá sair no final de 2012 ou início de 2013, também tem por objetivo homenagear Filomena Hirata.

⁷Os outros colóquios do grupo tiveram seus trabalhos publicados em volumes organizados pelas líderes do grupo; esse também deverá ser o destino dos trabalhos do último colóquio.

⁸Logo após o doutorado, por mais ou menos um ano, participei das atividades do GT de teatro antigo citado; entretanto, quando comecei a traduzir a *Odisseia* de Homero e preparar meu projeto de pós-doutorado, o tempo não foi mais suficiente.

POESIA ÉPICA

Foi somente após minha qualificação de doutorado que minha pesquisa passou a se deter exclusivamente em Homero, pois o projeto inicial era um estudo da caracterização de Odisseu em três tragédias (*Ajax*, *Hécuba* e *Filoctetes*) e de certos temas “épicas” ligados à personagem. Na qualificação, apresentei uma primeira definição de quais seriam esses macro-temas (*mêtis*; *dolos*; *kleos*; *nostos*) e de como eles seriam discutidos a partir da *Iliada* e da *Odisseia*. Daí, a banca achou que seria mais apropriado o restante da pesquisa centrar-se exclusivamente nos dois poemas de Homero.

Desde que defendi minha tese de doutorado, o gênero épico (ou as tradições hexamétricas gregas) tem ocupado o centro das minhas atividades de pesquisa. É bem verdade que, como professor de língua grega em cursos de graduação em Letras, tenho dado cursos diversos sobre épocas e dialetos distintos, especialmente cursos que enfocam textos em prosa ática dos séculos V-IV.⁹ Esse trabalho é, em boa medida, facilitado pelo espírito de equipe que tem vingado entre os professores da Área de Grego Antigo, que coordenei em 2005, e da integração harmônica do setor de Grego ao restante do Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, de cujo Conselho Departamental fiz parte no biênio 2011-12 na qualidade de membro na categoria MS-3.

O ensino de uma língua como o grego antigo é particularmente dificultado pela heterogeneidade entre os alunos, mas a cooperação entre os professores tem produzido turmas cada vez mais coesas, o que também tem redundado em um aumento no número de alunos que se graduam. Durante os anos 2000, em diversos momentos, houve um esforço bastante grande, finalmente recompensado entre 2011-12, para se aumentar o tempo do curso de graduação em grego de 4 para 5 anos, o que provocará algumas mudanças na grade curricular que deverão beneficiar a formação dos alunos.

Como professor de literatura grega em cursos de graduação, ministrei diversos cursos que trataram dos poemas homéricos e hesiódicos, mas também já ministrei cursos

⁹Já ministrei quase todos os cursos de língua grega antiga da grade curricular e vários dos cursos de literatura, inclusive o curso do ciclo básico, ou seja, para ingressantes na graduação, “Introdução aos estudos clássicos”.

sobre lírica e a tragédia ática, o que se coaduna com a minha tentativa de discutir a produção literária grega, nos períodos arcaico e clássico,¹⁰ abarcando perspectivas sincrônicas e diacrônicas. Novamente, o contato com meus dez colegas da Área de Grego Antigo é fundamental, pois, como nossos estudos são marcados por uma grande diversidade de gêneros, épocas e metodologias, o diálogo permite o desenvolvimento de uma filologia que não fique reduzida à ortodoxia metodológica ou apoiada sobre uma só teoria.

Meu maior desafio como docente foi ter buscado aproximar maximamente pesquisa e ensino, ou melhor, ter tentado introduzir o máximo da precisão e objetividade que busco na pesquisa naquilo que faço em sala de aula. Esse foi, até certo ponto, um erro. Pesquisa e ensino são atividades bastante diferentes, sobretudo porque tratam com públicos e, sobretudo, situações de comunicação distintos. Os resultados de uma pesquisa devem ser divulgados tendo em vista um público específico, que pode ser mais ou menos amplo. Uma turma de alunos, porém, via de regra, é heteróclita, e o primeiro ponto de apoio genérico do professor deve ser o momento de formação do aluno. Além disso, ele deve ser esforçar maximamente no intuito de refletir sobre os modos de comunicação mais efetivos com seu público particular do semestre. Isso envolve, claro, clareza, objetividade e precisão, mas sua aplicação é distinta daquela que se espera, por exemplo, em um artigo especializado. Aprender a refletir sobre meu modo de dar aula e procurar, a cada semestre, melhorar aquilo que poderia ser melhorado, é um processo, mas acredito que, sobretudo nos últimos anos, eu tenha evoluído bastante.

Mutatis mutandis, minha concepção do que é uma boa arguição em bancas de defesa ou qualificação de mestrado ou de doutorado também mudou bastante ao longo dos anos, não só através de tentativas de assimilação (da recepção) do que faço, mas também da observação de como procedem meus colegas de banca. Vale a mesma coisa que para as aulas: bancas envolvem situações muito específicas, sempre distintas, e o teor do que se fala deve procurar se adequar ao aluno em questão, ao andamento e qualidade de seu trabalho e ao futuro que parece o mais promissor para os resultados apresentados.

¹⁰Uso o termo arcaico num sentido proposadamente vago e amplo; ele diz respeito, de forma geral, aos primeiros séculos (VIII-VI) do fenômeno da pan-helenização, verificado em diversos âmbitos e que viu a *Iliada* e a *Odisseia* adquirir a forma pela qual costumam ser editados hoje em dia.

Na pós-graduação,¹¹ minha atuação como docente restringiu-se, até agora, a cursos sobre Homero; foram 3 os semestres em que ministrei um curso, sendo que dois foram os cursos cadastrados.¹² No primeiro curso, repetido uma vez, procurei explorar algumas relações entre a *Iliada* e a *Odisseia* na esteira do que discutira no doutorado mas com um enfoque na *performance* discursiva dos heróis, aquilo que Richard Martin (*The language of heroes*, 1989) define como *mythos*, ou seja, um discurso público, retórica e poeticamente bem elaborado, que busca afirmar certo poder da parte de quem fala em relação ao seu público. A partir desse discurso preche de autoridade, procurei discutir até que ponto as funções principais da poesia homérica na época arcaica seriam as de deleitar e instruir. Supondo que essas duas funções compunham o núcleo do modo como a poesia interagia com seu público, discuti de que modo elas operariam, já que o deleitar e o instruir podem variar de época para época, de gênero para gênero. Interessou-me particularmente o que podemos chamar de “interpretação” por parte do público, já que alguns críticos defendem que o discurso épico apresenta um sentido fechado (Andrew Ford, *The poetry of the past*, 1992), em especial, através de uma poética marcada pelo imediatismo visual (Egbert Bakker, *Pointing at the past*, 2005).

Meu segundo curso (“O poeta, o adivinho e o mentiroso”) centrou-se na *Odisseia* e foi resultado direto de duas atividades de pesquisa, a tradução completa do poema e um estágio de pós-doutorado na Freie Universität de Berlim sob a supervisão de Renate Schlesier; lá fiquei por 13 meses, sendo que 8 com financiamento da Capes. É dessas duas atividades que trato agora.

Após defender minha tese de doutorado e publicar alguns de seus capítulos sob a forma de artigos, tinha como preocupação principal transformar a tese em livro. Entretanto, depois de algum tempo, percebi que muitas das discussões que desenvolvera ficara rente demais a uma parte da bibliografia secundária, em especial, aos trabalhos de Pietro Pucci. Não havia realizado um doutorado-sanduíche, pois começara a trabalhar na USP em um período central do doutorado, quando, inclusive, alterei o projeto inicial, uma sugestão da

11[□] Quanto à parte administrativa da pós-graduação, desde agosto de 2011 faço parte da Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (membro titular) na qualidade de Vice-Presidente do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas.

12[□] Preparo a ementa de um novo curso a ser dado em conjunto com Adriane Duarte; será um curso sobre a *Odisseia* em dois módulos, sendo que meu módulo se ocupará de alguns problemas relativos aos cantos 1-12.

banca de qualificação. Ao invés de discutir Odisseu em três tragédias, trataria dele “apenas” na poesia épica. A dedicação ao trabalho docente que iniciava, a situação da biblioteca da USP, que hoje conta com um acervo “homérico” muito superior àquele que possuía no início dos anos 2000, em parte fruto de listas que fiz para os dois “pregões” anuais¹³ e para os dois últimos processos FAP-LIVROS¹⁴ que ocorreram desde então, e a ausência de uma bolsa de pesquisa complementar ao meu salário de professor assistente que me permitisse comprar um número maior de livros na época, tudo isso colaborou para um conhecimento deficitário da bibliografia homérica. Isso só foi parcialmente alterado por uma viagem curta, por mim custeada, à Alemanha já no final do doutorado e por um série de contingências, inclusive econômicas, na segunda metade dos anos 2000. Assim, somente hoje me sinto, de fato, à vontade para escrever um livro sobre a poesia homérica.

Decisivo nesse período em que me indagava acerca daquilo que deveria fazer com minha tese, que recebera elogios unânimes da banca que me arguiu, foi uma proposta de tradução da *Odisseia* apresentada por Adriane Duarte a partir de conversas com o editor da Cosac Naify. Esse interesse matou vários coelhos de uma vez só: sentia falta de uma tradução adequada do poema para aulas de literatura na graduação e a *Odisseia*, além de me parecer o poema homérico mais apropriado para se ler na íntegra na graduação, não tinha sido traduzido por Haroldo de Campos; poderia postergar minha deliberação acerca do que fazer com minha tese; o trabalho de tradução me daria uma familiaridade muito maior com o texto grego e, em segundo lugar, com a bibliografia secundária, de sorte que meu livro, deslocado, todavia, para um futuro indeterminado, só teria a ganhar.

A tradução foi parcialmente financiada por um “auxílio à pesquisa” da Fapesp (2007-8) e foi entregue ao editor da Cosac Naify em 2010. Entretanto, dois problemas parecem ter atrasado a definição da assinatura do contrato e de sua data de publicação: a reedição e publicação de outras traduções, durante esse período, no Brasil, em especial, aquelas de Trajano Vieira (Editora 34) e a de Frederico Lourenço (Penguin-Companhia das Letras); as mudanças pelas quais tem passado a referida editora. Meu último contato com o editor, porém, foi promissor, e espero que uma definição seja anunciada ainda em 2012.¹⁵

¹³Com verba da reitoria, as bibliotecas da USP adquirem livros duas vezes por ano a partir de listas fornecidas principalmente por docentes.

¹⁴Processos milionários de aquisição de livros financiados pela FAPESP.

¹⁵Trato dos principais pressupostos de minha tradução em um apêndice à tese apresentada neste concurso.

O primeiro estímulo à minha tradução foi dado pela minha vivência em sala de aula, pois alguns dos principais pressupostos que sigo para a interpretação do poema são difíceis de serem aplicados a partir da leitura do poema em tradução. Além disso, a tradução mais acessível para os alunos brasileiros quando comecei a dar aula era a de Carlos Alberto Nunes, que tem várias qualidades, mas o defeito de ser em um linguagem bastante estranha para um jovem dos anos 2000.¹⁶

É impossível discutir um poema homérico sem atentar para o modo como funciona sua linguagem tradicional, mesmo que a reconstrução desse funcionamento, em especial, no que diz respeito à recepção dos poemas pelo público, seja um ideal do qual estejamos bastante distantes. No artigo “Wives, widows and children: war victims in *Iliad* Book II”,¹⁷ procurei demonstrar, através do exame das ressonâncias tradicionais (para utilizar a expressão consagrada pelo trabalho de J. M. Foley) da expressão “*alokhoi kai nêpia tekna*” (“mulheres e crianças pequenas”): ao buscar reproduzir a interpretação executada pelo público dos poemas, devemos sempre levar em conta o conhecimento potencial da tradição que tal público possuía. Nesse artigo, procuro discutir a utilização da expressão formular pelo poeta no canto 2 da *Iliada* através de uma série de contraposições temáticas entre os discursos em que Agamêmnon e Odisseu, respectivamente, (aparentemente) desestimula e estimula o exército a continuar o combate contra Tróia.

Esse artigo também ilustra uma situação que ainda não consegui equacionar do modo ideal. Por um lado, embora pertença a um departamento de línguas clássicas e vernáculas, a filologia clássica é uma área eminentemente internacional, ou seja, no que diz respeito à pesquisa, o ideal é que se publiquem trabalhos em línguas tais que possam ser avaliados por pares de outros países. O português não é essa língua e o inglês é, cada vez mais, sua língua exclusiva.¹⁸

Por outro lado, os estudos clássicos são uma área de desenvolvimento muito recente no Brasil (sobretudo se comparada com a história da filologia clássica na Alemanha, Reino-

¹⁶ Sintoma disso é a tradução de Donaldo Schüler, que optou pelo extremo oposto.

¹⁷ *Antiquité Classique* 77 (2008).

¹⁸ Essa tendência de uma quase exclusividade do inglês pode ser vista no periódico recentemente fundado *Trends in classics*, cujos editores são um italiado e dois gregos, a editora é (aparentemente) alemã (de Gruyter) e a língua exclusiva dos seus artigos, o inglês.

Unido, França e Itália) e o ideal é que se seus pesquisadores se preocupem em formar um público e um corpo de traduções e estudos consistentes nessa língua.

Para tornar a situação ainda mais complexa, diferentes agências de pesquisa valorizam coisas diferentes: uma coloca, em primeiro lugar, a quantidade de artigos, outra a qualidade dos periódicos em que os artigos são publicados e outra o número de citações do artigo. Bons artigos em inglês (ou alemão, outra língua na qual me aventurei), porém, demandam muito mais tempo para sua redação e publicação, pelo menos para mim, que nunca estudei em um país anglo-saxão. Assim, no momento, tento me equilibrar entre quantidade e qualidade na produção de artigos, sem deixar de lado a preocupação com a publicação de livros.

O artigo mencionado foi primeiro submetido ao periódico *American Journal of Philology*, recebendo dois pareceres, um deles positivo e o outro nem tanto. O editor pediu, então, que eu atendesse às solicitações dos pareceristas e resubmetesse o artigo. Como a sua produção demandou muito tempo e se deu durante meu período de tradução da *Odisseia*, minha produção recente era muito baixa, um problema para meu iminente pedido de uma bolsa de pós-doutorado à Fundação Humboldt para realizar o estágio de pós-doutorado na Alemanha.¹⁹ Achei que, sem um artigo recente em revista internacional, minhas chances, que já não me pareciam muito boas, seriam próximas de nulas. Assim, submeti uma nova versão do artigo a outra revista, e ele foi aceito.

A história desse artigo, parece-me, ilustra uma tentativa de minha parte de combinar qualidade e quantidade de produção tentando atender às diversas instâncias que regem a vida acadêmica. Não é (sempre) possível atender todas, bem entendido. Também não pretendo transformar em artigos em inglês apenas aqueles que considero os melhores resultados da minha pesquisa e deixar em português o que considero de segunda linha. Além disso, embora o CNPq (e certamente a CAPES) pareçam ainda valorizar sobretudo artigos, pretendo publicar, em breve, um livro sobre poesia épica, sem que ele seja simplesmente uma compilação de artigos, de um lado, ou uma mera introdução à poesia épica grega, de outro. Acredito e espero que minha tese de livre docência seja um primeiro passo nessa direção.

¹⁹Esse pedido, então, foi aprovado, mas a bolsa, por restrições de número de bolsas, não foi concedida.

Quanto ao meu estágio de pós-doutorado, ele foi importante para eu tomar contato com outras metodologias de investigação do texto homérico, já que o instituto ao qual fiquei vinculado foi o de Ciência da Religião, o qual realiza intenso trabalho de cooperação com os museus berlinenses que albergam peças da antiguidade mediterrânea e oriental.²⁰

O contato com pesquisadores do Instituto e aqueles que nele apresentaram trabalhos durante minha estadia permitiu-me aprimorar minha análise de um tipo de *performance* comum nos poemas homéricos, qual seja, a do adivinho ou de figuras que agem de forma semelhante. Por enquanto, os três artigos seguintes, parcial ou totalmente, redundaram desse estágio. Os três fazem parte, em versões modificadas, da tese apresentada neste concurso.

No artigo “Reputação e presságio na assembleia homérica: *poluphemos* em *Odisseia* 2, 150”,²¹ procurei circunscrever o sentido do termo *polyphêmos* no canto 2 da *Odisseia*, um adjetivo usado para nomear o ciclope cegado por Odisseu. Defendi que seu sentido não é exclusivamente delimitado pelo uso do substantivo *phêêmê* no poema, que significa “discurso que tem um sentido profético (desconhecido para o emissor mas não para o receptor)”. De fato, esse adjetivo atesta a polissemia do substantivo conhecida por nós através dos textos dos períodos arcaico e clássico, quando outros substantivos do mesmo campo semântico, como *phêmis*, *phatis*, *kleêdôn* e *kleos*, eram igualmente polissêmicos. Defendi que uma importante razão para essa polissemia generalizada foi a multiplicidade de condições de *performance* ligada à produção e disseminação de discursos e, conseqüentemente, de memórias produzidas pelas ações de alguém notável.

Discurso, *performance* e memória: três palavras-chave que têm acompanhado minhas reflexões sobre a poesia arcaica e que também são fundamentais para os dois artigos seguintes. Em “O mito do retorno dos heróis de Troia e as funções narrativas dos presságios da *Odisseia* de Homero”,²² discuti duas cenas de adivinhação no canto 15 da

²⁰ Foi fruto dessa cooperação, por exemplo, a exposição que estive no Museu da Faap, em São Paulo, em 2006.

²¹ *PhaoS* 9 (2011).

²² *História, Imagem e Narrativas* 12 (2011). Esse artigo sofreu o mesmo problema do artigo publicado na *L'Antiquité Classique* mencionado acima: foi escrito em alemão durante minha estadia na Alemanha e submetido ao periódico alemão *Hermes*, mas, embora não tenha sido recusado, voltou com uma série de solicitações por parte do parecerista. Submeti-o novamente e novas solicitações foram então acrescentadas.

Odisseia. O objetivo geral desse texto foi discutir o mito do retorno dos heróis de Troia – variante grega de um mito indoeuropeu – através do enredo da *Odisseia*. Para isso, paralelizou-se o retorno do herói e o de seu filho Telêmaco a Ítaca através da discussão do modo como os retornos distintos convergem através da utilização feita pelo narrador das cenas de adivinhação – aquelas que Telêmaco testemunha em Esparta (a intérprete é Helena) e ao chegar em Ítaca (o intérprete é Teoclímeno) – que concentram alguns dos principais elementos do mito, quais sejam, o reencontro com a esposa benfazeja e a reconquista da soberania sobre uma determinada região.

Em “Lacunas narrativas e o papel do receptor da literatura oral: um exemplo na *Odisseia* de Homero”,²³ comparo o presságio que Teoclímeno interpreta para Telêmaco na costa de Ítaca (*Odisseia* 15, 525-38) com o que ele narra diante de Penélope e Telêmaco (*Odisseia* 17, 154-61) para discutir um certo tipo de discrepância produzida através de discursos de uma mesma personagem que se contradizem mutuamente em duas cenas distintas. Tal discrepância pode ser atribuída ao modo de composição oral, já que a discrepância não é assinalada como tal pelo narrador nem provoca reações explícitas de personagens que testemunham os dois discursos distintos. Pode, por outro lado, ser interpretada como um diálogo silencioso intradiegético – entre o emissor e o interlocutor que conhece o primeiro discurso – e/ou extradiegético entre o narrador e o público do poema. Não se trata, porém, de uma interpretação *kata to siôpômenon* (“por meio de algo implícito”) em sentido estrito, pois a discrepância seria um convite do narrador ao ouvinte para que ele busque identificar o que está acontecendo na cena de forma velada.

Em “A deusa compõe um “mito”: o jovem Odisseu em busca de veneno (*Od.* 1, 255-68)”,²⁴ também exploro um *mythos* construído na *Odisseia* e a tensão entre as reações do público interno e externo do poema. Trata-se de uma história narrada por Atena para Telêmaco em *Odisseia* 1, 255-68. Defendi que a representação de Odisseu em busca de um

Sem saber quanto tempo esse processo demoraria e precisando, novamente, publicar, achei mais fácil traduzi-lo para o português.

²³ Ainda não foi submetido à publicação; ele foi apresentado no XVIII Congresso da SBEC – para o que recebi um auxílio “reunião no país” da Fapesp – na mesa-redonda “*Performance*, recepção interna e textual em Homero”, formada por Teodoro Rennó Assunção (coordenador) e Antonio Orlando O. Dourado-Lopes. Também foi discutido com Jim Marks quando de sua estadia em São Paulo, do que falarei mais adiante.

²⁴ *Nuntius Antiquus* 6 (2010).

veneno para suas flechas não precisa ser pensada em primeiro lugar como um elemento não homérico ou uma ação moralmente perturbadora, pois pode ser analisada utilizando-se temas épicos (especialmente aqueles ligados à *mêtis*, “astúcia”) explorados não somente na *Odisseia* mas também na *Iliada*. Além disso, essa história antecipa e condensa, de diversos modos, o enredo do poema. Assim, ao contrário do que já foi defendido por parte da crítica, não estamos simplesmente diante de uma imagem compósita de Odisseu, não necessariamente contralada pelo narrador e que deixaria entrever um estrato arcaico, pré-homérico, pré-épico ou até mesmo pré-heroico que realçaria a natureza ambígua do herói ou da sua ação, mas de uma composição habilmente embutida em um discurso maior.

Outros três artigos submeti à publicação recentemente. “Afamada estória: ‘Famigerado’ (*Primeiras Estórias*) e o canto IX da *Odisseia*”, apresentado, em outra versão, como conferência no “V Simpósio Lendo, Vendo e Ouvindo o Passado”, em Diamantina (09/04/12, faculdade de Ciências Jurídicas), foi aceito para publicação pela revista *Nuntius Antiquus* em junho de 2012. Trata-se de minha primeira incursão por um estudo de recepção, muito embora a leitura e releituras de *Grande sertão: veredas* tenham acompanhado meu período de graduação e pós-graduação. Todas as epígrafes da minha tese de doutorado são desse romance. O artigo, é bem verdade, não trata do romance, mas de um conto. Os temas épicos do romance, sua linguagem e a caracterização de suas personagens, porém, acompanham, ainda que de forma muda, minha reflexão acerca de Homero, e eu espero que esse tenha sido apenas o primeiro de uma série de artigos em que gostaria de envolver o autor mineiro e a tradição clássica grega.

“A presença do ausente: a *performance* do *kléos* no canto 1 da *Odisseia*” é um artigo aceito pela revista *Aglaiá*, do núcleo de estudos clássicos da UFC, periódico em fase de criação. O primeiro número da revista, que será, num primeiro momento, virtual, deverá sair ainda em 2012. A origem do artigo é uma conferência dada em Fortaleza em novembro de 2010.

Por fim, “Poeta-profeta e poeta-filósofo: fronteiras do discurso poético em *Teogonia* e *Trabalhos e dias* de Hesíodo” é um artigo submetido em abril à revista *Ipotesi*, da UFJF. Trata-se do primeiro artigo sobre Hesíodo escrito por mim e reflete uma pesquisa em andamento que comecei mais recentemente.

Em 2011, assinei contrato com a Editora Hedra, de São Paulo, para traduzir dois poemas supérstites de Hesíodo, *Teogonia* e *Trabalhos e dias*. Serão dois livros para os quais também redigi uma introdução e notas. A previsão de publicação era o 1º semestre de 2012. O primeiro livro já tem tradução em português publicada no Brasil (Jaa Torrano, Iluminuras); o segundo, quando assinei o contrato, tinha uma tradução apenas parcial (Mary C. Lafer, Iluminuras). Minha proposta de tradução, porém, se diferencia, pelo menos parcialmente, das outras duas (nesse meio tempo, três; há uma tradução completa de *Trabalhos e dias* publicada pela editora Odysseus) à medida que leva em conta a intensa discussão acadêmica gerada pelos textos hesiódicos entre 1980 e 2010 e, paralelamente, minha proposta de tradução anteriormente aplicada à *Odisseia*, onde, como exposto em apêndice na tese deste concurso, procurei reproduzir alguns elementos da poesia oral hexamétrica grega, da qual fazem parte, também, os dois poemas hesiódicos.

No que diz respeito à poesia épica, tenho orientado trabalhos de iniciação científica²⁵, mestrado²⁶ e doutorado,²⁷ bem como participado de bancas de dissertação de mestrado e de qualificação de doutorado e mestrado que dizem respeito, direta ou indiretamente, à épica homérica e gêneros mais ou menos vizinhos, como a poesia didática e a narrativa grega em prosa. Além disso, também orientei dissertações de mestrado²⁸ e

25[□]“O uso do imperfeito nas cenas de batalha na *Iliada*” (2007-8: trata-se de um trabalho longo, financiado no 1º ano pelo CNPq e no 2º pela Fapesp, mas que não pude acompanhar diretamente na sua finalização pois me afastei para realizar estágio de pós-doutorado); “As caracterizações de Hermes na *Odisseia*” (2005-6); e “Os deuses, o ‘basileus’ e o ‘laos’ no canto II da *Iliada*” (2004). Em andamento está o trabalho “A vida quase-mitológica de Homero: tradução e análise da ‘Vita herodotea’” e, em fase embrionária, um trabalho que deverá abordar as relações entre certas histórias da *Odisseia* e literaturas do Oriente Próximo, especialmente do Velho Testamento.

26[□]“A persuasão na *Odisseia*” (2011); e “Ovídio e o poema calendário: Os Fastos, livro II, o mês das expiações” (2008; trata-se de um trabalho que dirigi apenas durante seu estágio final, devido à morte da orientadora).

27[□]“Em todo o resto semelhantes aos deuses’: a especificidade dos monstros em relação às divindades e aos heróis na *Teogonia* de Hesíodo, na *Odisseia* de Homero e no *Hino Homérico a Apolo*” e “O tema da *boêlasia* na épica grega arcaica”.

28[□]“Os fragmentos atenienses de Simônides: um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a. C.” (2008); “A guirlanda de sua Guirlanda: Meleagro de Gádara” (não dirigi esse trabalho até a defesa, pois afastei-me para realização de estágio de pós-doutorado).

estou orientando duas teses de doutorado²⁹ que dizem respeito à poesia lírica grega. Nesse sentido, também devo mencionar uma banca de defesa de um mestrado sobre Píndaro da qual participei em 2012.

Daí, não por acaso, temas ligados tanto a Hesíodo quanto a Homero compõem o projeto de pesquisa que apresentei ao CNPq em agosto de 2011 solicitando uma bolsa de produtividade, que foi concedida em fevereiro de 2012: “Poesia grega arcaica: tradições poéticas e gêneros discursivos em Homero e Hesíodo”.

Na cultura músico-literária grega, gêneros poéticos não são categorias estanques, mas tipos de discurso, condicionados por dicção e ocasiões de *performance* específicos, que se definem mutuamente. A pesquisa busca a comparação entre duas tradições arcaicas de composição épica, a poesia homérica e a hesiódica. O ponto de partida é o modo como ambas as tradições utilizam histórias embutidas (em especial, o tipo de discurso chamado de *ainos*) levando em conta a distinção entre o público intra e o extradiegético. No caso de Homero, vai-se examinar a *performance* discursiva dos heróis, em especial, de Nestor. Quanto a Hesíodo, a figura do irmão do narrador de *Trabalhos e dias*, Perses, compõe, junto com os reis pressupostos pela contenda, o público ao qual se dirige o enunciador do discurso, criando uma primeira rede de referências para a recepção das histórias e preceitos que compõem o poema. Através de uma seleção de passagens da *Iliada*, *Odisseia*, *Teogonia* e *Trabalhos e dias*, objetiva-se discutir de que forma, tanto em Homero quanto em Hesíodo, a combinação de três elementos principais – mito, elogio/censura e elementos “didáticos” (parenéticos ou gnômicos) – propõe ao destinatário do poema algum tipo de atividade hermenêutica (pré-)figurada na própria construção narrativa e que diz respeito ao presente de forma oblíqua, seja através da representação da raça dos heróis, seja através da construção de um *ainos*.

A concessão dessa bolsa me permitiu convidar, por meio de uma verba da Fapesp, concedida em maio de 2012, o professor Jim Marks, da Universidade da Flórida, como pesquisador visitante para contribuir com o projeto de pesquisa a que se vincula a solicitação. A principal assessoria de Jim Marks foi ao projeto descrito, a qual se deu de diferentes modos, dos quais destaco dois.

²⁹“Píndaro em fragmentos: estudo e tradução dos fragmentos dos hiporquemas, prosódios, encômios e partênios” e “Três odes ao rei de Siracusa: comentário à 1ª Olímpica e à 1ª e 3ª Píticas de Píndaro”, ambas iniciadas em 2009 e com exame de qualificação previsto para o segundo semestre de 2012.

Discutiu-se uma versão abreviada em inglês do texto mencionado acima – “Lacunas narrativas e o papel do receptor da literatura oral: um exemplo na *Odisseia* de Homero” – e do texto “Temas tradicionais no *ainos* do falcão e do rouxinol (*Trabalhos e dias* 202-212)”, que teve uma primeira versão apresentada em uma reunião do NEAM da UFMG em abril de 2012. Ambos estão em vias de serem reescritos, no todo ou em parte, em inglês, em busca de uma maior repercussão junto à comunidade científica. A interlocução com Jim Marks, através de reuniões de trabalho, foi importante para a sequência desse desenvolvimento, pois trata-se de um especialista em questões exploradas pelos artigos.

O pesquisador também ministrou um curso de pós-graduação acerca dos *Hinos homéricos*, elo fundamental para a discussão dos poemas centrais do projeto de pesquisa em questão, tanto pela tese de um *prooimion* através do qual o aedo da poesia homérica poderia ou não vincular seu poema a um determinado festival por meio da celebração de um deus, quanto pela tese da utilização, na parte da *performance* que antecederia a apresentação de uma narrativa heroica, de uma figura tradicional de cuja autoridade poética emanaria a sequência da *performance*. Para essa segunda tese, a interpretação do *Hino Homérico a Apolo* é decisiva.

Para concluir, faço parte da Comissão Organizadora e de Trabalho do “V Simpósio de Estudos Clássicos da USP – Épica Antiga”, que ocorrerá em novembro de 2012 e contará com a presença de dois pesquisadores bastante importantes da nova geração de homeristas, Barbara Graziosi e Adrian Kelly, além de Teodoro Assunção e outros pesquisadores estrangeiros e nacionais. Uma das minhas atividades como membro da comissão e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas foi fazer o pedido de verba para a organização do evento junto à Fapesp. Esse evento não só é testemunho de que um núcleo sólido de pesquisadores de épica antiga é atuante em instituições de ensino superior no Brasil, mas, espero, possa colaborar para a formação e o amadurecimento de novas gerações de pesquisadores, sobretudo os pós-graduandos que se beneficiaram do contato com os pesquisadores presentes aos vários eventos ligados direta ou indiretamente ao simpósio.

CONCLUSÃO

Para concluir, gostaria de mencionar o grupo de pesquisa por mim criado e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPq) em 2010, “Gêneros poéticos na Grécia antiga: tradição e contexto”, cujas atividades se intensificaram em 2011 e em 2012, quando Fernando Rodrigues Jr. passou a liderá-lo comigo.³⁰ Espera-se a realização da primeira reunião científica organizada pelo grupo apenas para 2014, pois de agosto de 2013 a julho de 2014, Fernando Rodrigues estará ausente de São Paulo para realizar seu estágio pós-doutoral na Inglaterra.

Um dos motivos que me levaram a criar o grupo deve ter ficado claro ao longo desse memorial, minha tentativa de transitar por gêneros literários gregos diversos, desenvolvidos em épocas e localidades distintas, submetidos a contextos de *performance*, transmissão e recepção variados, e assim, sobretudo, gêneros que se delimitaram mutuamente, sincronica e diacronicamente. Tendo em vista a área de atuação dos participantes do grupo, há uma tendência que os seguintes temas principais se tornem dominantes nas discussões a serem promovidas no âmbito do grupo nos próximos anos:

- 1) o modo como a narrativa foi desenvolvida nas diversas práticas literárias gregas, desde a épica oral até a prosa de ficção, passando por gêneros líricos e dramáticos, de um lado, e a investigação historiográfica e a oratória judicial, de outro;
- 2) o uso da narrativa com temas míticos em contextos onde a produção poética, ou mais propriamente, a *mousikê technê*, ainda faz parte de práticas e tradições religiosas, mas nos quais a composição poética também pode ter sido pensada como um objeto que seguiu protocolos específicos de acordo com os quais deveria ser avaliado;
- 3) a crítica alexandrina, manifestada nos tratados e comentários de seus filólogos e utilizada na obra de seus poetas.

Entre 2011 e 2012, as principais atividades do grupo foram reuniões periódicas para discussão dos capítulos iniciais, referentes aos críticos alexandrinos e seus precursores, do livro *History of classical scholarship: from the beginning to the end of the Hellenistic age*, de Rudolf Pfeiffer (1968), e reuniões de trabalho com Jim Marks durante sua estadia em São Paulo mencionada acima.

³⁰Cf. também o anexo 2 abaixo.